



Agosto/22

16

De onde cantam as cigarras

Por Karla Armani Medeiros, historiadora

Os exemplares do livro "De onde cantam as cigarras" se esgotaram. E essa autora que vos escreve é só alegria por conta disso. Para uma pesquisadora da história da cidade, foi um prazer escrever sobre o Grêmio Literário, pois desta instituição foi possível captar o tipo de cultura vivenciada pela elite letrada de Barretos e o pensamento intelectual de uma época. Pelas atividades praticadas no Grêmio, tais como saraus e conferências, foi permitido saber o que aquela parte da população lia, ouvia, apreciava e selecionava como cultura e recreação.

Naqueles anos 1910 a 1940, o Grêmio desenvolveu essencialmente a sua atividade literária e recreativa. Para tal, promovia encontros de literatura e música entre os próprios associados, incluindo professoras do Grupo Escolar. As grandes comemorações ocorriam quando vinham visitantes ilustres que palestravam, discursavam, interpretavam, cantavam ou tocavam no palco do velho Grêmio. Ao descer na primitiva estação (aquela de 1909) e olhar em direção à colina da Igreja Matriz (na vista panorâmica de frente), esses visitantes tinham o Grêmio como a "sala de visitas" da cidade – o lugar de contemplação da cultura erudita promovida e apreciada por um público seletivo e abastado. Realidade muito diferente da outra parte da cidade, literalmente o bairro "Outro Mundo", o qual, atrás da estação de trem, era habitado por moradores em condições precárias de infraestrutura e sem acesso à instrução e àquele tipo de cultura institucionalizada.

Tais visitantes se diversificavam entre escritores, músicos, poetas, militares, políticos e religiosos – cada qual com um tipo de pensamento e mensagem a ser transmitida àquela plateia de coronéis de longos bigodes e altas patentes – alguns entusiasticamente com pensamentos avançados à época. Exemplo disso foram os aplausos calorosos ofertados à médica espanhola e feminista Belén de Sárraga, que, primeira a assinar o livro de visitantes do Grêmio, foi recepcionada pelos coronéis gremistas com louvores – mesmo com sua mensagem anticlerical e propagandista aos avanços sociais femininos.

No livro, os visitantes são as cigarras que vieram de longe cantar no centenário Grêmio. Cigarras emprestadas da mensagem deixada pelo poeta maranhense



Coelho Netto no amarelado livro de visitantes. Muito estimado entre os barretenses, Coelho Netto veio a Barretos três vezes no início da década de 1920, visitando o Grêmio e outras instituições da cidade, além das paisagens naturais como a conhecida Cachoeira do Marimbondo, em Içém, hoje submersa pela usina do mesmo nome. Em 1922, o Grêmio contratou Coelho Netto para escrever uma conferência em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, em 7 de setembro, que iria ser ostensivamente celebrada na cidade. O poeta escreveu a conferência "Hosanna", que foi lida por seu amigo Emílio José Pinto, jornalista e personagem interessante à história de Barretos, para todos que participaram daquela efeméride na praça Francisco Barreto. Acontecimento histórico que culminou na inauguração do busto da República, o mesmo que no ano de 2020 voltou a compor o seu cenário de origem, a praça central. Neste ano de 2022, comemoraremos, em setembro, o bicentenário da Independência do Brasil e, certamente, a história será contada com novo olhar – o que torna aquele discurso de 1922 ainda mais interessante a ser estudado.

Outro fato histórico que aparece no livro e que despertou muita atenção foi a Gripe Espanhola de 1918, afinal, nós não imaginávamos que passaríamos por uma pandemia de gravidade similar àquela de mais de cem anos atrás. Como o Grêmio se transformou em hospital provisório para abrigar os doentes mais carentes da cidade, este assunto ganhou assunto especial na obra. A própria biblioteca gremista recebeu retrato do farmacêutico que faleceu de gripe ao cuidar dos doentes naquele hospital, mostrando-nos algo que também vivíamos